

# MARIA ALBERTA MENÉRES: AQUÉM E ALÉM DO HORIZONTE — IMAGINAÇÃO E HARMONIA DOS TEMPOS

---

LEONOR RISCADO

Maria Alberta Menéres é um nome de inquestionável prestígio na Literatura Portuguesa e esse reconhecimento estende-se à sua produção literária para crianças, ora em co-autoria, ora a solo, tendo recebido o Grande Prémio Calouste Gulbenkian de Literatura para Crianças, em 1986, pelo conjunto da sua obra e a manutenção de um alto nível de qualidade.

Criados em genial dueto com António Torrado, tornaram-se inesquecíveis o seu livro de poesia *O Livro das Sete Cores* (1983), as suas *Histórias em Ponto de Contar* (1984), sobre desenhos de Amadeo de Souza-Cardoso, as suas peças de teatro *Hoje Há Palhaços* (1977); da feliz colaboração com Carlos Correia surgiu o conto *O Sétimo Descarrilamento* (1985); com o mesmo Carlos Correia e, de parceria, também, com outro nome de referência no universo da Literatura Infantil, Natércia Rocha, Maria Alberta Menéres emprestou o seu talento e imaginação aos volumes da Coleção 1001 Detectives.

Para além destes textos, a escritora integra as colectâneas *De que São Feitos os Sonhos* (1985) e *Contos da Cidade das Pontes* (2001); é coordenadora do projecto *Histórias e Canções em Quatro Estações* (1988), onde também participa como autora; dedica, ainda, muito do seu saber à recriação, para crianças, de textos clássicos, como *Ulysses* (1972); a ela se devem uma tra-

dução dos *Contos de Perrault* (2001), também uma tradução e adaptação das *Fábulas de La Fontaine* (2001); muito recentes são as *100 Histórias de Todos os Tempos — Pequenos recontos de grandes fábulas e histórias tradicionais* (2002), algumas das que mais gosta de contar «à sua moda».

As largas dezenas de títulos, originais, escritos individualmente, premiados a várias instâncias, abarcam a poesia, decisivamente marcante no contexto da sua produção literária e que atravessa, multiforme, toda a restante obra; o conto, que trabalha com singular economia, frescura e contenção; o teatro, palco de reflexões filosóficas, mais ou menos risonhas, sobre o sentido da vida.

Aceder à vasta obra a solo da escritora Maria Alberta Menéres significa e implica, desta forma, ter acesso a um vastíssimo portal cujas marcas temáticas e formais se inscrevem nos territórios da imaginação e da poesia.

Em diálogo ininterrupto com o passado, mas também com o presente e o futuro, numa constante relação de todas as memórias possíveis, Maria Alberta Menéres mantém a frescura da infância, preserva a relação com o aqui e o agora e projecta uma iniludível esperança para o amanhã.

Os seus livros para os mais jovens — inseridos, como vimos, nas várias vertentes da Literatura — têm como denominador comum a exigência quanto à preservação de um olhar puro e cristalino dirigido ao âmago dos seres; a exigência quanto ao respeito pela vida interior desses mesmos seres; a exigência quanto à preservação das suas vozes. A essência da sua escrita reside, em cada momento, no entendimento das coisas, no seu conhecimento de dentro para fora, no realce dado ao sentido poético inerente a todas as formas de vida.

Numa leitura, forçosamente breve e decerto muito lacunar da obra, que não tem, de modo algum, a veleidade de ser exaustiva, procuraremos, em primeiro lugar, abordar a poesia, não de acordo com as datas de produção, antes, começando pela ligação à tradição e partindo, depois, para linhas de

comprometimento progressivo com a originalidade e a visão muito pessoal de Maria Alberta Menéres. Seguir-se-ão alguns outros afloramentos a nível do conto, oscilando, estes também, entre as vozes do passado e da tradição e as vozes do presente e do futuro, que vamos encontrar, sempre, em simbiose perfeita. Para o teatro reservámos o último momento pois no final da peça cai o pano e o seu teatro justifica plenamente, tal como a restante produção para crianças, ora o comovido e silencioso, ora o risonho tributo final.

A sua voz cálida dá corpo a uma obra poética para crianças, diversificada, em termos temáticos e estilísticos, profundamente original, imaginativa e singular. De uma maneira aparentemente muito simples, com a genuína simplicidade de que só os grandes poetas possuem o segredo, vai urdindo teias poéticas que, ora bebem a inspiração na musicalidade da poesia popular, ora se lançam em brincadeiras aladas e subteis, dentro de linhas actuais e inovadoras.

Na prospecção das vozes antigas, capta-lhes a natureza íntima para as revestir de novas roupagens, ampliando-lhes o eco através dos efeitos lúdicos e melódicos. Repare-se, por exemplo, na forma como recupera lengalengas e rimas tradicionais, dando-lhes estatuto autónomo, como em *Lengalenga do Vento* (1976), ou inserindo-as, mais ou menos debuxadas, no corpo ou no final das suas histórias, imprimindo-lhes a magia única das vozes recordadas da infância como acontece, por exemplo, em *Pêra Perinha* (1993).

*Lengalenga do Vento*, pelo seu ritmo cadenciado, pelo prolongamento dialógico, pelo jogo anafórico e prosopopáico, recorda aquelas melopeias que, durante séculos, acalentaram os ouvidos de gerações sucessivas. Mas a musicalidade, a beleza formal do texto não se esgotam em si mesmas; em termos temáticos, ressalta a descoberta do mundo à volta proporcionada pela amizade. A viagem do estouvado senhor vento — a andar pé ante pé, a bailar, a correr e a rir — revela, de forma subtil, como uma força inocentemente esmagadora e opressi-

va em relação aos mais débeis se consegue transformar, quando, apercebendo-se dos transtornos que causa, encontra um almejado companheiro e amigo, povoando assim solidões e compreendendo que cada um tem o seu par:

*Andava o senhor vento/ um dia passeando/ encontrou a formiga: // — Senhor vento, que força!/ Lá caí de barriga!//  
// Andava o senhor vento/ pé ante pé na vinha/ quando avis-  
tou um cão:/ Senhor vento, que força!/ Fui de focinho ao  
chão!// Andava o senhor vento/ bailando no olival/ quando  
viu um lagarto:// — Senhor vento, que força!/ Já nem por  
aqui escapo...// Andava o senhor vento/ correndo no jardim/  
/ quando ouviu uma flor:// — Senhor vento, que força!/  
/ Tenha pena de mim.// Andava o senhor vento/ a rir pelo  
pinhal/ quando ouviu a galinha:// — Senhor vento, que for-  
ça!/ Uma pinha na pinha!// Andava o senhor vento/ a brin-  
car pela rua/ quando viu uma cereja:// — Senhor vento, que  
força!/ Não me empurre, que aleija!// Então o senhor vento/  
/ foi para o alto do monte/ e encontrou um moinho:// — Se-  
nhor vento, que bom!/ Eu estava tão sozinho! //(1)*

*Conversas Com Versos* e *Um Peixe no Ar* constituem dois belíssimos exemplos de livros de poesia em que a imaginação, a sensibilidade e o ludismo se espelham, desde logo, nos títulos, através do jogo de palavras do primeiro título, e do aparente *nonsense* do segundo, em associações felizes e inesperadas, que deixam antever um outro olhar sobre o mundo, logo, um olhar outro, porque radicalmente diferente do prosaísmo habitual. Quer os poemas de *Conversas Com Versos*, quer os de *Um Peixe no Ar* (parte deles já antes incluídos em *Conversas Com Versos*) revelam uma imensa atenção em relação ao mundo, à música das palavras, e um enorme entendimento das coisas e das pessoas, mostrando como os sentidos poéticos são de tal forma apurados e sensíveis que descobrem não apenas o exterior; antes vão até ao âmago de tudo, enchendo o mundo de

novos sentidos. Os malabarismos com as palavras e os sons, com a apresentação gráfica dos poemas são outras tantas formas de Maria Alberta Menéres verter a sua interpretação da respiração do mundo e de o integrar em perfeita consonância. A originalidade e a diversidade dos poemas, o sorriso bem-humorado, aquele olhar cúmplice, que jamais perde a doçura, e a capacidade de compreensão próprias da criança eterna que em si existe constituem outras tantas razões de encantamento e de sedução nestes dois títulos.

*Um Peixe no Ar* (1980) tem uma incontornável ligação umbilical ao universo mágico e encantatório das rimas infantis, com o rememorar delicioso e — certamente deliciado — dos trava-línguas, das lengalengas e de toda a espécie de jogos ligados particularmente ao plano fónico, com as aliteraões e as assonâncias a dominarem. Atente-se, como exemplo desta ligação a um universo poético tradicional, em «Lengalenga»:

*Foge o figo da figueira/ fica a figueira sem figo// fico eu sem as formigas/ formigas do formigueiro// foge o figo da figueira/ foge o fogo da fogueira// fico eu sem as farinhas/ farinhas das farinheiras// foge o figo da figueira/ fica a figueira sem figo// foge a faneca do forno/ sem faneca é que eu não fico//<sup>(2)</sup>*

Outras vezes, porém, também a atenção se desloca, preferencialmente, para o plano lexical e semântico, quase sempre através do divertimento com jogos de palavras e de conceitos, mantendo, em todos os casos, um grande apuro rítmico e melódico. Refira-se, a este propósito a brincadeira bem-humorada do poema «Centopeias»:

*Conhecem a centopeia?// É um bocadinho que mexe,/ rodeado de pés/ por todos os lados.// A minhoca é mais feia/ e não corre de lés a lés/ as paredes e os telhados.// Diz a mamã centopeia/ para a sua filha atrevida:// — Menina, não salte as-*

*sim/ de pés juntos para a vida!/ Devagar, devagarinho.../  
Anda-se pé ante pé,/ que por vezes o caminho/ é aquilo que  
não parece/ ou parece o que não é.//<sup>(3)</sup>*

As *Conversas Com Versos* (1968) desenrolam-se de forma fluida, deslizando os versos das conversas numa dança harmoniosa que contempla passos, quer risonhos e rápidos, quer lentos e envolventes. Da brincadeira pura com os jogos fónicos, com as fórmulas herdadas das rimas infantis, salta para os jogos semânticos, com o recurso ao *nonsense*, à metáfora, à personificação, à sinestesia, veiculando temáticas de reflexão poética sobre a vida, sobre a descoberta dessa mesma vida nas suas diversas manifestações, sobre a sua fugacidade, sobre a diversidade dos olhares, sobre os insondáveis mistérios da imaginação.

Destaque-se, a este propósito, o poema «Dúvida», que na simples cadência musical dos seus dísticos, sob forma de diálogo, quase-advinha, deixa no ar uma insolúvel questão do menino:

*O carvão é preto./ Quando arde, é vermelho.// Qual é afinal/  
/a cor do carvão?// Minha Mãe, de noite/ não entendo nada:/  
/ será que as cores nascem/ só de madrugada?// Minha Mãe,  
quem sabe/ se a voz do amarelo// não é doce apenas/ na ima-  
ginação?//<sup>(4)</sup>*

Relembremos ainda «Espanto», manifestação sensível de outros tantos olhares distintos, momento fugaz de poesia, construído, quase apenas, a partir de breves notações musicais em ritmo binário:

*Uma gota de chuva/ suspensa de um telhado// dá-lhe o sol e  
parece/ pequena maravilha.// É um berlinde, dizem/ crian-  
ças entre si.// É uma bola, e bela/ mas não rebola, brilha!//  
// É a lua? Uma bolha/ de sabão de brincar?// Um balão?  
Um brilhante/ de uma estrela vaidosa?// Diz a velhinha*

*olhando:/ Quem chorou esta lágrima?// Uma gota de chuva/ suspensa de um telhado:// chegou uma andorinha/ engoliu-a e voou. //(5)*

Ver o eu e ser capaz de imaginar o outro constituem pretextos temáticos para excelentes momentos de poesia plasmados em «O prato da menina», mescla de caso sério e de brincadeira. É uma menina (muito parecida com o *alter ego* de Maria Alberta Menéres) a quem a imensa capacidade de imaginação permite ver para além do aparentemente visível e alcançar, com o seu olhar imenso e profundo, o infinito.

*Se a menina não comia/ não via o fundo do prato/ que tinha lá dentro um pato/ de penas cinzentas lisas,/ nem via a outra menina/ que era bem mais pequenina/ e tinha na frente um prato/ que tinha lá dentro um pato/ um pato muito bonito/ de penas cinzentas lisas/ tão pequenas tão pequenas/ / que até parecia impossível/ como a menina ainda via/ e imaginava o desenho/ até ao próprio infinito.//(6)*

Olhar-se a si e aos outros, sem compreender, por vezes, o porquê das diferenças, pode revelar-se um problema equacionável em poesia, sobretudo quando nele entram variáveis como a liberdade e o direito à singularidade, por um lado, enquanto, do outro, a massificação impera. É esse o problema difícil com que se confronta o caranguejo azul de uma praia em que «a cor azul era um sinal de liberdade»:

*Que confusão isto me faz!/ Porque será porque será/ que só eu ando para a frente/ e todos andam para trás?//(7)*

O poeta conhece intimamente as coisas e é desse conhecimento profundo — que lhe vem da atenção com que as olha por dentro e da imaginação com que se funde no seu devir — que brotam naturalmente estas *Conversas Com Versos*, encerra-

das com o poema «As pedras», espécie de manifesto poético ou compromisso com o mundo:

*As pedras falam? Pois falam/ mas não à nossa maneira,/ que  
todas as coisas sabem/ uma história que não calam.// [...] /  
/As pedras falam? Pois falam./ Só as entende quem quer,/ /  
/ que todas as coisas têm/ uma coisa para dizer.// (8)*

O seu olhar único permite-lhe, não só ver para além da superfície, como também descobrir conformidades e identidades a partir de coisas, na aparência, díspares. Surge, desta associação inusitada, o originalíssimo *Figuras Figuronas* (1969) que, na coabitação poética que realiza entre as figuras conceituais da Geometria e as suas projecções no quotidiano, nos faz repensar sobre a hipótese de que «o binómio de Newton é (afinal) tão belo como a Vénus de Milo». Uma vez mais, o título provocador e provocatório a remeter para uma possível relação biunívoca das figuras respeitáveis da Geometria com as suas correlatas figuronas do mundo civil, pouco ou nada merecedoras de respeito; ou, então, talvez sejam as respeitáveis figuras geométricas que têm a capacidade de, fora do seu habitat, se mascararem e ganharem outras dimensões mais humanas, logo mais visíveis em termos de proporções. A harmonia e a permeabilidade dos mundos é de tal ordem que as figuras geométricas se encontram e se reproduzem em todo o lado, de todas as formas, até e sobretudo, na Natureza. É uma girândola de imagens que nos assalta por todos os lados da maneira mais inusitada e mais poética:

*Sentei-me num banco/ não numa cadeira/ sentei-me na escada,/ quer dizer: sentei-me/ na linha quebrada.// Que jeito de andar/ sempre assim curvada/ e ainda a sorrir// ou de estar quebrada/ sem nunca partir!// Pode ser loucura/ a ideia que vem,/ mas lembra-me um peixe/ a linha quebrada/ — pelo dorso que tem. // (9)*



É o conhecimento íntimo das coisas e o entranhado amor ao que está em seu redor que se verte num outro livro de poesia, *No Coração do Trevo* (1992), obra eivada de preocupações ecológicas, e que obteve o Prémio «O Ambiente na Literatura Infantil». Uma vez mais, é de salientar a feliz e oportuna escolha do título, remetendo o trevo para uma ligação ao coração da terra, pela sua proximidade com o solo, por um lado; por outro lado, o coração surge-nos como uma imagem associada à forma do trevo, mas também, com uma concomitante ligação ao sentido de âmage, de interioridade. Viajar assim por entre os poemas deste livro significa ter a possibilidade de aceder a uma perfeita união com a Natureza, compreendendo-a na sua intimidade, respeitando-a nas suas diversas manifestações, mas significa, também, sofrer com ela, os atentados que contra si se perpetram e tomar consciência do dever de zelo, neste presente que temos, para que um dia, no futuro, possamos legá-la intacta.

Poemas longos e centrais como «Que lugar senão este» e «Romancinho triste de um neto da Nau Catrineta» constituem dois lancinantes apelos à consciência ecológica de cada um dos leitores.

O primeiro, construído com base na sextilha, numa estrutura anafórica muito própria para não deixar esquecer ou fazer constantemente lembrar, reitera a questão, num apelo directo e veemente:

*Que lugar senão este/ alguém nos ofereceu/ como uma  
prenda de anos?/ Que lugar senão este/ um dia nos deixaram/  
com terra, mar e céu?// [...] /Que mundo senão este/  
/ deixaremos um dia/ para oferecer a quem/ depois de nós  
vier?/Que mundo senão este/ — não me podem dizer?//<sup>(10)</sup>*

O segundo, com influências de versões insulares do romance da Nau Catrineta, construído para lembrar o derramamento de toneladas de crude no mar de Porto Santo, retoma o

ambiente angustioso das versões que o antecederam mas, por desgrça, em lugar do final eufórico, termina em tragédia:

*— Afirma-te, marujinho,/ torna-te bem a afirmar!/ Se o vento nos der de popa,/ a terra iremos jantar./ Se ele não nos der de popa,/ a terra iremos cear.// Mas o crude era tão forte,/ / tão denso à tona das águas,/ que quanto mais avançavam,/ /mais tinham que recuar./ Mãe de Deus, e Mãe de nós,/ corre o mar perigo de morte!// [...] Tomou o Anjo nos braços/ / ao capitão general/ e a toda a tripulação./ Não n'os deixou afogar./ E logo nesse momento/ acalmaram vento e mar.// / Mas à noite este barco,/ neto da Nau Catrineta,/ / não estava em terra a varar...//<sup>(11)</sup>*

Eles não deixam, contudo, em segundo plano, outros poemas mais breves do livro que constituem verdadeiros hinos ao nascimento («De repente») e ao crescimento («O Ovo»); à beleza («De que mundo»); à alegria («Cantilena»); à amizade («A uma árvore amiga»); à saudade («O Ninho»); nesta viagem pelo coração do trevo — o mesmo é dizer viagem pelo coração da Natureza, iniciada com «Acordar» e terminada com «Adormecer» — destaca-se, um pouco à maneira de *incipit*, «Quase Dedicatória», uma exaltação do amor pela Natureza:

*Amar a Natureza/ é eu sentir assim/ a alegria de a ver/ intacta acesa/ dentro e fora de mim,/ trazendo as coisas simples/ tão simples, pela mão. /<sup>(12)</sup>*

Trata-se, no fundo, de hinos a um tempo em que há tempo para amar e para, conhecendo, amar, ainda e cada vez, sempre mais, a terra e tudo o que nela vive.

Os seus contos constituem, eles também, do ponto de vista temático, a medida desse amor, que é conhecimento de si próprio e do outro, que é crescimento, e que espelha o mergulho num tempo longinquamente próximo de uma infância

com o seu quê de mágico e — em certos momentos — de trágico ou tragicómico. Quanto ao desenrolar da acção e ao estilo, a mestria imaginativa com que a acção avança e desemboca no clímax sem resvalar por caminhos escusos, o intercalar o texto literário em prosa com textos poéticos, originais ou de influência tradicional, a linguagem depurada, sugestiva, por vezes quase impressionista, são mais valias que se fazem sentir em todos eles, pertence (?) a uma vertente mais comprometida com valores ecológicos e ambientais (como no caso dos quatro títulos da Colecção *Bem Crescer — Bem Viver*) (1989) ou estejam comprometidos, apenas (?), com o olhar e a imaginação.

Do conjunto das narrativas breves — às vezes, brevíssimas e salpicadas de poesia, remanescente ou intrínseca — salientem-se, a título de exemplo, pelas suas ligações à infância, às vozes mágicas do passado e a esse olhar puro e imaginativo sobre os outros seres, *Histórias de Tempo Vai, Tempo Vem*, *Aventuras da Engrácia*, *O Ouriço-Cacheiro Espreitou três Vezes* e *O Retrato em Escadinha*.

As *Histórias de Tempo Vai, Tempo Vem* (1988), dedicadas à neta Mariana, formam um volume de dezassete contos — em verso e prosa poética embaladora, marcada por sugestivas metáforas, comparações e um registo de fino humor — que representam umas tantas viagens de encantamento entre histórias e tempos, entre descobertas, conhecimento e cumplicidades.

As histórias são as que se sentem sós na vida, como em «Uma história só» mas são também aquelas que vivem junto de nós, como em «De noite e de dia»:

*De noite e de dia/ uma história nasce,/ uma história conta/  
/coisas de encantar./ E sem um disfarce/ senta-se à lareira/  
/ de quem quer sonhar.// [...] Que as histórias que vivem/  
/ juntinho de nós,/ também elas fecham/ seus olhos no  
ar./ De noite e de dia/ sentam-se à lareira/ de quem quer  
sonhar.//<sup>(13)</sup>*

Os tempos interligam-se e fundem-se, saltando as personagens — transformadas — dos contos maravilhosos, dos contos de fadas e da tradição oral de outrora para as páginas do livro. Assim nos surgem o gigante e um outro Pequeno Polegar, agora juntos e não inimigos, em «Que bom!»; o Feiticeiro e a Fada em «Uma história de pascar»; a Carochinha nesse jogo de cumplicidades entre avó e neta que é «À beira do lume» e em que a velha história não pode, de forma alguma, acabar «*com o João Ratão/ cozido e assado/ no caldeirão! //*»<sup>(14)</sup>.

As descobertas, o conhecimento e as cumplicidades, por vezes, cheias de humor, acompanham o seguimento das histórias e dos tempos, juntando-se numa mágica caixinha de surpresas que as guarda com muito cuidado, as expõe apenas perante os nossos olhos e as sussurra apenas aos nossos ouvidos encantados e seduzidos. Acontecem casos felizes de descobertas, como o daquele menino que tinha medo do escuro e, de repente, compreende que já não tem, em «Devagarinho»; com o «sapo muito pequenino» de «Um certo segredo»; acontecem descobertas maravilhosas quando se repara nas pequeníssimas coisas, aparentemente insignificantes, sobretudo ao lusco-fusco, que é a hora das maravilhas, como em «Pequenas coisas». Acontecem casos felizes de encontros iguais aos da «menina acabadinha de acordar» e do «grilinho do campo, acabadinho de adormecer», em «Um caso feliz»; acontecem cumplicidades entre a folhinha que não queria cair da árvore e o pirilampo que a ampara e nela se aninha em «A folha e o pirilampo».

Pelo conteúdo e, sobretudo, pela forma, estas *Histórias de Tempo Vai, Tempo Vem* constituem belíssimas canções de embalar, para Mariana, mas também para todos «os pardalitos mais tontos de soneira»: «Tempo vai, tempo vem./ Dorme, dorme, meu menino,/ dorme, dorme muito bem.../»<sup>(15)</sup>.

Aventuras da Engrácia (1985), dedicadas à neta, Ana Mariana, contam a história de uma menina cheia de imaginação, de uma curiosidade tão viva que se torna inquietante para

a mãe, de um humor e uma capacidade de observação do que a rodeia tão apurada que se torna inconveniente para o pai, e que, por tudo isto, — às vezes, apesar de tudo isto — enceta a inevitável viagem de conhecimento ao fundo de si própria em que o faz de conta, por vezes, funciona como pedra de toque.

Trata-se de uma narrativa tripartida em que se fala, no dizer da narradora, entre outras coisas, da aprendizagem dos voos de Engrácia; de um passeio que a levou ao lado de lá e ao lado de cá de uma porta transparente; e de como não pres-tam as cenas passadas dentro das mãos atrás das costas.

Alternando momentos reais, delirantes de humor e de cómico de linguagem, com outros de reflexão profunda e de transformação eufórica ou disfórica do mundo, numa atmosfera entre o onírico e o imaginário, esta novela revela-se uma mais extensa história em que também os tempos vão e vêm (neste caso, não só os das histórias, mas sim os da infância e da adultez, por vezes, em conflito de conhecimento e descoberta).

*O Ouriço-Cacheiro Espreitou Três Vezes* (1981) apresenta-se, tal como as *Aventuras de Engrácia*, dividido em três partes que correspondem a outras tantas espreitadelas do dito ouriço e a outras tantas formas de olhar e ver o mundo, de o sentir, de o ler e de o imaginar.

A narradora menina, amante dos mistérios da Natureza, vai aprender com o seu novo amigo e vai também ensiná-lo, numa partilha imaginativa e fraterna de seres em vias de descoberta e crescimento. Aquando de uma primeira espreitadela, o ouriço-cacheiro aprende que não são as personagens que escolhem as histórias em que querem entrar mas sim o contrário — as histórias é que entram nas personagens:

— *Primeiro, tens de fazer com que as histórias entrem em ti. Quer dizer: tens de fazer com que a tua vida se encha de pequeninos ou grandes acontecimentos que apeteça contar. Que valha a pena contar. E então, de repente, de um instantinho para o outro, quando tu menos o imaginares, vais ver*

*que já estás a rebolar por uma história nova abaixo, como por uma ribanceira, muito contente!* (16)

No momento da segunda espreitadela, cabe à raposa, que não faz bem parte da história, «*mostrar que há muitas coisas que acontecem ao mesmo tempo no mesmo sítio e que não têm nada a ver umas com as outras*» (17). Quando chega a altura da última espreitadela, então é que fica provado que as «ourinhices» do ouriço-cacheiro afinal o não eram, e que ele sabia mesmo um segredo que, até então, só ele sabia que sabia. O seu segredo — agora partilhado — consistia tão só em criar mundos de coisas lindas apenas com a capacidade de imaginação do olhar. É que,

*embora pelo direito e pelo avesso/ destas histórias que se inventam,/ se fale de sonho e de realidade,/ chamando cada qual de cada vez/ pelo seu nome,/ a verdade é que entre o sonho e a realidade/ só existe o espaço que nós quisermos/ / descobrir. //* (18)

*O Retrato em Escadinha* (1985) representa, neste deambular saboroso de aventura em aventura, uma aventura mais verdadeira do que sonhada, pois mergulhando nas raízes da infância da própria narradora e trazendo, uma vez mais, a lume traços inequívocos do seu sentido de humor, da sua irreverência, da sua inventividade, da sua portentosa imaginação, fixa uma recordação familiar indelével. Ele encaixa-se, na moldura e na parede, como prova para a posteridade de que as memórias, ainda que em tons sépia, permanecem vivas e actuautes. O desenrolar da narrativa processa-se em crescendo, mais ou menos interrompido por peripécias deliciosas, sempre pautado, assim, por pequenos avanços e grandes retrocessos.

*O Retrato em Escadinha* deixará ver, sempre, no seu negativo cada vez mais nítido à medida que os anos vão passando, a escadinha do retrato constituída por aquelas três meninas heróicas que, de olhos muito abertos contra o sol muito

forte, enquanto esperavam que o velhíssimo *Kodak* lhes perpetuasse a imagem, se deliciavam a descobrir o mundo à sua volta. A prova de que a descoberta continua por parte de Maria Alberta Menéres está, não só no revisitar desta imagem, como também em toda a outra miríade de imagens que a ela se seguiu ou que a antecedeu e que, dos olhos ávidos da criança que a presenciou, passou para os olhos e os ouvidos sedentos de todas as outras que a partilharam no passado, a partilham no presente e partilharão no futuro.

Sempre o olhar sobre o mundo — um olhar entre o divertido e o comovido — agora num outro registo — o dramático. Para o partilharmos com a autora debruçemo-nos, então, sobre *O Que É Que Aconteceu na Terra dos Procópios?*, galardoado em 1979, como inédito, com o Prémio Especial de Teatro Infantil da Secretaria de Estado da Cultura, e *À Beira do Lago dos Encantos*.

*O Que É Que Aconteceu na Terra dos Procópios?* (1981) é uma peça atravessada pela história dos três irmãos que partem pelo mundo em busca de uma prova de capacidade, e se os dois mais velhos chegam à conclusão simplista de que a vida são dois dias e de que a vida é uma luta, já o mais novo, com um olhar mais profundo, consegue aperceber-se de que «só sabe que nada sabe».

Marcada pelo cómico de situação e de linguagem, nela se convocam personagens com nomes, simplesmente, divertidos, como Plindérico, quase falantes, como Procópio (aquele que vai à frente), Frenicoques e Camaleónico, ou remetendo — uma vez mais e sempre — para o universo popular, como Marciana, uma outra versão mais futurista da Carochinha de antanho.

Num ritmo, ora trepidante, ora calmo e até melancólico, lançam-se olhares sobre a vida, sobre a maneira como as aparências iludem, sobre a importância de ter amigos e saber apreciar a Beleza, de viver, a fundo e a longos haustos, a Vida, seja lá ela o que for.

*À Beira do Lago dos Encantos* (1988) é outra viagem — agora — sobretudo, poética e iniciática, de questionamento sobre a Vida e os caminhos do crescimento; sobre a magia do pensamento; a invenção da palavra e o poder que detém de convocar os objectos ou seres por ela designados; o Sonho como realidade ou a realidade como Sonho; o Tempo; o Conhecimento; as maneiras de — não apenas olhar, antes — ver o Mundo através da mediação dos cinco sentidos; a Amizade enquanto motor de redescoberta desse mesmo Mundo.

A peça termina com esta canção da Fada, que terá de certo a meiguice da voz e a doçura do olhar dessa outra Fada, Maria Alberta Menéres, a responsável por tanto encantamento ao longo da nossa — brevíssima — mas inesquecível viagem que, num eterno retorno, nos traz sempre de volta *À Beira do Lago dos Encantos*:

*Quando alguém lembra a sua infância/ como o lugar onde foi bom/ viver seu tempo de criança,/ um tempo que não vai voltar,/ eu apareço, eu apareço/ e digo como há-de sonhar.//*<sup>(19)</sup>

## Notas

<sup>(1)</sup> Maria Alberta Menéres, *Lengalenga do Vento*, Lisboa, Plátano, 1976.

<sup>(2)</sup> Maria Alberta Menéres, *Um Peixe no Ar*, Lisboa, Plátano, 1985, p. 22.

<sup>(3)</sup> Idem, *ibidem*, p. 52.

<sup>(4)</sup> Idem, *Conversas Com Versos*, Porto, Afrodite, 1971, p. 21.

<sup>(5)</sup> Idem, *ibidem*, p. 33.

<sup>(6)</sup> Idem, *ibidem*, p. 70.

<sup>(7)</sup> Idem, *ibidem*, p. 74.

<sup>(8)</sup> Idem, *ibidem*, p. 86.

<sup>(9)</sup> Idem, *Figuras Figuronas*, Porto, ASA, 2000, p. 26.



(<sup>10</sup>) Idem, *No Coração do Trevo*, Lisboa, Verbo, 1992, pp. 18-19.

(<sup>11</sup>) Idem, *ibidem*, pp. 38-39.

(<sup>12</sup>) Idem, *ibidem*, p. 7.

(<sup>13</sup>) Idem, *Histórias de Tempo Vai, Tempo Vem*, Porto, ASA, 2000, pp. 7 e 13.

(<sup>14</sup>) Idem, *ibidem*, p. 71.

(<sup>15</sup>) Idem, *ibidem*, p. 60.

(<sup>16</sup>) Idem, *O Ouriço-Cacheiro Espreitou Três Vezes*, Porto, ASA, 1981, p. 26.

(<sup>17</sup>) Idem, *ibidem*, p. 42.

(<sup>18</sup>) Idem, *ibidem*, pp. 54-55.

(<sup>19</sup>) Idem, *À Beira do Lago dos Encantos*, Porto, ASA, 1999, p. 62.

